

REDUÇÃO, INTENCIONALIDADE, MUNDO: A FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA COMO SUPERAÇÃO DA OPOSIÇÃO ENTRE REALISMO E IDEALISMO

Juliana Oliveira Missaggia

Orientador: Ernildo Jacob Stein

Grau: Doutorado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7480>

RESUMO

Este trabalho trata do problema de determinar a posição da filosofia de Edmund Husserl em relação à tradicional oposição filosófica entre realismo e idealismo. Defendemos que o pensador alemão, através do desenvolvimento do método fenomenológico, propõe um novo tipo de idealismo que não se encaixa nessa antinomia tal como formulada pela história na filosofia até o começo da contemporaneidade, resultando em uma solução original para a questão. Para sustentar tal tese, analisamos conceitos centrais desenvolvidos por Husserl a partir da chamada “virada idealista” de seu pensamento, entre os quais destacam-se as noções de redução fenomenológica, noese, noema, mundo da vida, corpo e intersubjetividade. Ao longo desse estudo, também procuramos demonstrar como a filosofia husserliana, sobretudo em sua fase tardia, foi precursora de muitos dos temas caros a outros fenomenólogos, como Heidegger e Merleau-Ponty, os quais são usualmente compreendidos como pensadores que romperam radicalmente com o método proposto por Husserl. Desse modo, nos posicionamos contra interpretações que tomam a Fenomenologia como uma filosofia representante de idealismos semelhantes aos de Kant ou Berkeley, assim como negamos que a novidade trazida por Husserl se deva à falta de ontologia em seu pensamento. Além disso, analisamos criticamente o pensamento husserliano, apontando brevemente as principais dificuldades que identificamos em seu projeto.

Palavras-chave: Fenomenologia. Husserl. Método. Idealismo. Realismo.

O DOMÍNIO DE SI MESMO (εγκράτεια) COMO CONDIÇÃO ÉTICO-EXISTENCIAL NA FILOSOFIA DE PLATÃO

Gabriel Rodrigues Rocha

Orientador: Roberto Hofmeister Pich

Grau: Doutorado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7659>

RESUMO

A partir da compreensão de duas particulares sentenças da Carta VII (331 d): “Viver cada dia de modo a que fosse senhor de si mesmo (ἐγκρατῆς αὐτὸς αὐτοῦ), o mais possível; ” e (324 c): “Quando eu era jovem, senti o mesmo que muitos: pensei, logo me tornasse senhor (κύριος) de mim mesmo, ir direto à política; ” a tese pretendia propor o quanto o conceito de εγκράτεια (domínio de si) é de excepcional importância no conjunto da filosofia platônica, em distintas etapas, na produção escrita-dialógica do filósofo ateniense. Sugestiona-se que Platão evidencia uma real intencionalidade filosófica, não somente com a formação do domínio de si aos que intencionam “ir” a política, mas, também estendendo esta formação ao interior de cada individualidade partícipe na comunidade política; da mesma forma, propôs-se que o domínio de si acaba por se apresentar como o corolário do conhecimento e do cuidado de si, tomando-os a estes, como conceitos essencialmente integrantes do platonismo. Conclui-se que o domínio de si mesmo é uma potência da faculdade superior da ψυχή, e por isso é uma virtude e uma purificação de si passíveis de serem formados/configurados em cada individualidade psíquica, constituindo-se assim como exercício espiritual por excelência. O objetivo desta prática de si nunca se apresenta como pura formação teórica, mas também é sempre uma atividade, um movimento contínuo que prepara a melhor conduta ético-político-existencial humanamente possível.

Palavras-chave: Platão. Alma. Individualidade. Virtudes. Conduta.

O CONCEITO DE CONFIANÇA EM EPISTEMOLOGIA DO TESTEMUNHO: DISTINGUINDO CONFIAR DE FIAR-SE

Patrícia Ketzer

Orientador: Felipe de Matos Müller

Grau: Doutorado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7671>

RESUMO

Confiança é um conceito indispensável quando pensamos o ser humano interagindo com outros sujeitos, pois auxilia-nos a pensar a ordem política e a cooperação social. Mas está longe de possuir uma definição única. A procura por uma definição mostrou-nos ser necessário retornar às origens do conceito, na busca por compreender seu uso em Epistemologia. Na Filosofia Moral estabelece-se uma distinção entre duas formas de confiar: 1) a confiança (trust), que se caracteriza por ser uma relação interpessoal mais profunda, a qual envolve boa vontade e vulnerabilidade; 2) a fiabilidade, um tipo de confiança mais básica no funcionamento do mundo e das coisas. O conceito de confiança torna-se relevante em Epistemologia quando passamos a considerar a transmissão de conhecimento por testemunho. A principal questão é quando podemos confiar em outras pessoas para adquirir conhecimento com base em seus atos de fala. Não há como debater testemunho sem considerar o problema da confiança. Mas, o conceito tem sido utilizado de modo inadequado. Os aspectos morais não contribuem para o cenário epistêmico. Todavia a desconsideração desses aspectos descaracteriza o conceito, reduzindo-o à fiabilidade. Defendemos que, por parcimônia, deve-se utilizar apenas fiar-se, um conceito já estabelecido na literatura epistemológica. Para tal, analisamos três possibilidades: uma redução ao campo moral, uma analogia entre o conceito em Filosofia Moral e Epistemologia e, por fim, um uso não analógico, ou seja, estritamente epistêmico. Apresentamos um esboço geral do debate sobre Epistemologia do Testemunho e o papel da confiança nessa discussão. Expomos o conceito de confiança moral e avaliamos a possibilidade de uma redução. A não consideração da distinção proposta em Filosofia Moral descaracteriza o conceito. Por outro lado, a redução não é possível, pois confiança moral pressupõe aceitação do risco, a tentativa de eliminar os riscos através de reflexão racional enfraquece a atitude de confiança. Além do mais, confiança nos faz resistentes a evidências, e em Epistemologia é errado negligenciar evidências. As concepções interpessoais propõem um uso analógico do conceito, aplicando-o aos debates epistemológicos sem negligenciar os aspectos morais. Entretanto, não são uma opção viável, pois são epistemicamente impotentes. O viés moral não desempenha nenhum papel epistêmico relevante. Assim, analisamos a possibilidade de um uso não analógico, tendo como base a proposta de Richard Foley (2001). Este autor desconsidera a distinção entre confiar e fiar-se e acaba por reduzir o conceito de confiança ao de fiabilidade, obscurecendo o vocabulário em Epistemologia do Testemunho. Defendemos que a utilização não analógica é um erro, pois descaracteriza aquilo que normalmente se denomina confiança para reduzi-la a um conceito já consagrado na literatura epistemológica. Não faz mais que confundir o debate. A consideração dos aspectos morais da confiança se faz importante justamente para identificação do problema. O conceito de confiança não pode contribuir para o debate, pois não desempenha um papel epistêmico. Já o conceito de fiar-se pode ser utilizado em Epistemologia do Testemunho, assim como vêm sendo utilizado em outros debates epistemológicos.

Palavras-chave: Relações interpessoais. Epistemologia. Testemunho. Ética. Confiança.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.8 – Nº.2	Dezembro 2015	p. 159-174
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	------------

A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA COMO FILOSOFIA: UMA CRÍTICA INTERNA AO PENSAMENTO DE GADAMER

Mauricio Martins Reis

Orientador: Ernildo Jacob Stein

Grau: Doutorado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7779>

RESUMO

Trata a presente investigação de responder se a hermenêutica filosófica, autonomizada nos marcos do pensamento de Hans-Georg Gadamer pela reivindicação do atributo da universalidade do problema hermenêutico, pode ser qualificada genuinamente como filosofia. O fio condutor da tese percorre as principais características da hermenêutica filosófica gadameriana com a finalidade de promover uma espécie de crítica interna a partir dos correspondentes pressupostos, especialmente os que giram em torno do primado universal da historicidade da compreensão. Preconiza-se a necessidade de contrapor ao horizonte transcendental de sentido, significativamente acentuado pela hermenêutica filosófica pela incidência da compreensão histórica que atravessa toda e qualquer interpretação acerca do mundo, o horizonte transcendental de validade normativa, responsável pela derivação crítica e reflexiva de qualquer pensamento que se intitule como legitimamente filosófico. Nesses termos, a hermenêutica enquanto filosofia, para alcançar-se na pretendida plataforma de universalidade, precisa reivindicar concomitantemente o substrato da racionalidade normativa de validação, de maneira a não incorrer na hipertrofia do ontológico, como se fosse um substitutivo redundante da filosofia hermenêutica de Heidegger. Ademais, a hermenêutica filosófica deverá resistir-se, com igual prudência de autocrítica, no estímulo demasiado desta contrapartida de validade reflexiva, de maneira a contestar o lugar arrogante capaz de impulsionar o veredicto da palavra final ou da fundamentação última intransitivamente considerada como derradeiro critério, eis que a assunção de sua universalidade se sobressai no caminho crítico da metafísica da finitude, isto é, no horizonte de um programa despidido de conotação absoluta ou totalitária.

Palavras-chave: Filosofia alemã. Hermenêutica. Hans-Georg Gadamer. Metafísica. Verdade. Pragmática transcendental.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.8 – Nº.2	Dezembro 2015	p. 159-174
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	------------

IRONIA E CETICISMO: A DESCONSTRUÇÃO COMO O RISO DA FILOSOFIA

Ricardo Lavalhos Dal Forno

Orientador: Ernildo Jacob Stein

Grau: Doutorado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7769>

RESUMO

Este trabalho defende a tese de que a metafísica em seu sentido clássico, após as críticas da desconstrução, perdeu totalmente sua relevância filosófica. O principal conceito deste estudo é o de “desconstrução”, desenvolvido pela primeira como “Destruction” por Heidegger no parágrafo V de seu *Ser e tempo* e depois popularizado nos escritos de Derrida sobre linguagem e metafísica. Não se trata, absolutamente, de um conceito acima de controvérsias: paira, hesitante, entre o desejo de renovação do pensamento metafísico e certa concepção profundamente discutível de relativismo cultural. Para os autores com os quais trabalhamos – principalmente, Benjamin, Derrida e Rorty – toda a metafísica, e não esse ou aquele tópico específico no interior dela, tornou-se uma atividade profundamente problemática e que, por isso, precisa ser reexaminada e desconstruída. Assim eles pretenderam adentrar e transcender por completo o projeto fundamental da tradição metafísica e com isso buscaram uma forma de interpretá-la numa moldura e num registro inteiramente novo, o que significou, no final das contas, forjar um estilo de escrita teórica inteiramente original. O que defendemos nessa tese é que há uma tensão dialética que liga essa filosofia marginal e suas questões com a Grande Tradição, no sentido em que uma só existe pela presença velada da outra e de que a força criativa da filosofia marginal é a fonte perene da renovação da filosofia oficial. É por isso que Derrida irá falar o tempo todo de um pensamento das margens, que Benjamin irá falar de uma filosofia do limiar e Rorty irá propor toda uma literalização do trabalho filosófico. Todo esse trabalho de reexame dos fundamentos da metafísica fez com que o equilíbrio do pensamento ontológico pendesse perigosamente em direção a um discurso cético e irônico que ameaçava desalojar muitas das questões centrais da tradição. Esse trabalho que pela primeira vez veio a interrogar sobre as credenciais do pensamento ontológico, uma vez que certa ambiguidade fundamental conduzia sua própria condição. Sendo assim, a função da crítica à metafísica realizada pela desconstrução foi a de resistir a certa dominação semântica, engajando-se através tanto do discurso quando da prática numa atividade menor e marginal. Esse jogo de gato e rato da desconstrução com a metafísica era o embate entre uma tradição oficial que pretendia ser a totalidade das questões ontológicas relevantes e certos filósofos marginais que ironizam essas questões por considerá-las uma fantasia do cérebro metafísico compulsivamente totalizante. A desconstrução é ousada na medida em que desafia um pensamento que ainda precisa de valores absolutos, fundamentos metafísicos e sujeitos transcendentais. Contra isso ela mobilizou a transgressão, a multiplicidade, a ironia, o ceticismo e o riso.

Palavras-chave: Riso. Relatividade. Metafísica.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.8 – Nº.2	Dezembro 2015	p. 159-174
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	------------

HERMENÊUTICA, ÉTICA E DIÁLOGO: GADAMER E A RELEITURA DA FILOSOFIA PRÁTICA DE PLATÃO E ARISTÓTELES

Viviane Magalhães Pereira

Orientador: Ernildo Jacob Stein

Grau: Doutorado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7757>

RESUMO

Defendemos neste trabalho que a elaboração de uma ética está presente em toda a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. Chegamos a essa tese por meio da interpretação que Gadamer faz da filosofia prática de Platão e Aristóteles e do reconhecimento da semelhança entre a proposta de uma compreensão hermenêutica e os fenômenos morais considerados desde a pergunta socrática sobre o bem. Nesse sentido, a base conceitual que une a filosofia de Gadamer a uma ética do diálogo se encontra tanto na tradição hermenêutica como na sua releitura do conceito de *phrónesis* aristotélico e da ideia de diálogo platônica. Contudo, uma das maiores contribuições do que chamamos de “ética hermenêutica do diálogo” foi buscar uma base nova para a reflexão dos modos de comportamento éticos. Trata-se de uma concepção de diálogo, que identifica no projeto de uma solidariedade humana a possibilidade do surgimento de discursos e ações voltados para o cuidado com o outro e, assim, para uma participação na vida em comunidade em prol de um bem comum. Desse modo, a hermenêutica de Gadamer termina reafirmando a relevância da reflexão filosófica para questões fundamentais da nossa realidade prática, o que leva a um debate profícuo entre a filosofia e outras ciências (medicina, direito, educação).

Palavras-chave: Ética. Hermenêutica. Diálogo. Hans-Georg Gadamer. Platão. Aristóteles.

APROXIMAÇÕES TERAPÊUTICAS DA ANALÍTICA EXISTENCIAL: PSICANÁLISE E SIGNIFICATIVIDADE

Giovani Zwetsch Gheno

Orientador: Ernildo Jacob Stein

Grau: Doutorado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7783>

RESUMO

Esta tese tem como objetivo discutir a relação entre a analítica existencial do Dasein de “Ser e tempo” de Martin Heidegger e a psicanálise, tomada em geral como uma psicoterapia, considerando as possíveis implicações terapêuticas de uma fenomenologia hermenêutica e as possíveis implicações existenciais de uma teoria acerca do sofrimento humano. De início se busca esclarecer a exigência de um conceito de ser humano para esta comparação e também a conveniência de uma pormenorizada explicitação da metodologia que guiará o proceder teórico. São elencados alguns conceitos psicanalíticos e discutidos principalmente quanto à sua constituição estar condicionada por uma interação pessoal histórica e mundanamente determinada. A seguir, existenciais relevantes da analítica existencial do Dasein são trazidos um a um como contraponto às possibilidades de aproximação do seu surgimento e significado teórico com os conceitos psicanalíticos, mostrando que são todos irreduzíveis e pertencentes a compreensões distintas da vida prática humana, ainda que possam ser significativamente complementares em uma tentativa de compreensão mais pormenorizada das existências autêntica e inautêntica do Dasein. Por fim, conclui-se que a analítica existencial do Dasein é uma compreensão da singularização que a compreensão do ser promove ao ser fenomenologicamente mostrada como modo de ser no mundo do Dasein e que isto não a qualifica para tratar pessoas em sofrimento, pois o sofrimento capaz de ser mudado e manejado em um encontro empírico é aquele devedor da historicidade de eventos pessoais representáveis apenas em teorias como a da psicanálise que se dão em remissão de conjunção na significatividade do mundo e que promovem individuação inautêntica do Dasein na decaída.

Palavras-chave: Psicanálise. Martn Heidegger.

ADORNO E A QUEBRA DO CONTINUUM DA HISTÓRIA

Robson da Rosa Almeida

Orientador: Norman Roland Madarasz

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7486>

RESUMO

O presente trabalho pretende apresentar a filosofia da história de Theodor W. Adorno sob o desdobramento do conceito de continuum nas categorias de proto-história, calvário, sempre-ídêntico, autodestruição e redenção. Ao invés de dialogarmos com as correntes messiânicas do judaísmo e cristianismo a nossa pretensão é, através da própria tradição filosófica, elevar o continuum ao conceito. Este movimento não significa neutralizar a teologia, mas demonstrar um entrelaçamento muito mais estreito entre ela e a filosofia. O thema probandum, o continuum, encontra uma dupla dificuldade a se superar neste trabalho: fazer emergir claramente o continuum, em primeiro lugar, na obra de Adorno, e depois sua consistência interna enquanto conceito e capacidade de se afirmar diante de posições concorrentes de filosofia da história. Isso tudo, ao mesmo tempo em que firmamos a originalidade de Adorno, mesmo frente aos autores que tiveram influência decisiva no seu pensamento, em particular, Walter Benjamin.

Palavras-chave: Utopia. Apocalíptico. Proto-história. *Continuum*. Adorno.

O TEMA DA "PÓS-HISTÓRIA" NO PENSAMENTO DE VILÉM FLUSSER

Jair Inácio Tauchen

Orientador: Ricardo Timm de Souza
Grau: Mestrado
Data da defesa: 2015
Instituição: PUCRS
URL: <http://hdl.handle.net/10923/7588>

RESUMO

A Pós-história e a sociedade pós-industrial são termos recorrentes em Vilém Flusser e indicam um momento cultural de uma civilização. Essa mudança começa a partir do momento em que a imagem técnica ocupa o lugar da escrita, algo que acontece no final do século XIX com o surgimento da fotografia e de novas formas de se relacionar com as imagens, como a virtualização. É a era da tecnoimagem, um processo circular que retraduz textos em imagens. O objetivo deste estudo é fundamentar conceitualmente a transição do código linear do mundo ocidental, representado por uma sequência de pontos, para uma nova era em que as imagens em movimento estabelecem um estar-no-mundo pós-histórico. As Imagens técnicas são imagens apresentadas em superfície que transcodificam cenas, sendo que sua função é emancipar a sociedade da necessidade de pensar conceitualmente. A fotografia é concebida como o protótipo da tecnoimagem – de igual modo é concebido o aparelho fotográfico -, e a caixa preta é o paradigma do aparelhamento pós-histórico. As potencialidades escondidas no programa do aparelho são complexas e dificilmente penetradas. Aparelhos são caixas pretas que simulam o pensamento humano, permutando símbolos contidos em seu programa. O fotógrafo não domina o programa, ele é apenas o funcionário que faz o programa funcionar. Destarte, o aparelho depende do seu funcionário para fotografar imagens que serão reveladas através do programa contido na máquina fotográfica. O aparelho por si só não trabalha, mas visa modificar de alguma forma a vida dos homens. Portanto, o problema da pós-história está ligado à constituição da imagem, que nos dias atuais é cada vez mais virtual, resultado de um processo científico da modernidade, no qual o discurso linear é transformado em tecnoimagem.

Palavras-chave: Pós-história. Programa. Aparelho. Imagem.

REVOLUÇÃO CIENTÍFICA E DESTRUIÇÃO CRIADORA: RELAÇÃO ENTRE A FILOSOFIA DA CIÊNCIA DE THOMAS KUHN E O PENSAMENTO DA ECONOMIA POR JOSEPH SCHUMPETER

Mohamed Fayeq Parrini Mutlaq

Orientador: Eduardo Luft

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7639>

RESUMO

A presente dissertação pretende estabelecer uma relação entre o pensamento de Thomas Kuhn na Filosofia da Ciência e o pensamento de Joseph Schumpeter para a Economia, estabelecendo um paralelismo entre os conceitos de “revolução científica” em Kuhn e “destruição criadora” em Schumpeter. Tanto Thomas Kuhn quanto Joseph Schumpeter, apesar de serem pensadores de áreas distintas, consideravam que seus campos de estudo tinham subjetividades relacionadas a aspectos humanos, sociais, e históricos, onde a organização e progresso davam-se como resultado da compreensão humana e de suas relações. Para tanto, iremos desenvolver as ideias centrais de Thomas Kuhn, como “paradigma”, “ciência normal” e “incomensurabilidade”, a partir de sua principal obra “A Estrutura das Revoluções Científicas”. Também daremos ênfase a seu contexto histórico a partir dos pensadores até ali destacados na Filosofia da Ciência, e sua resposta às principais críticas recebidas, podendo-se destacar o “relativismo” e o “irracionalismo”. Este trabalho pretende também descrever a evolução da Economia até seu estabelecimento como “ciência normal” a partir de uma perspectiva Kuhniana. Para tanto iremos ilustrar a evolução do pensamento econômico até sua formulação neoclássica, onde será possível verificar a significativa consolidação que os estudos da Economia alcançaram desde as primeiras ideias de Adam Smith. As ideias do economista Joseph Schumpeter serão detalhadas a partir da evolução do pensamento econômico, revelando seu distanciamento, assim como em Kuhn, das ideias tradicionais de equilíbrio do sistema econômico. Será possível observar que Schumpeter colocou elementos de desequilíbrio no que antes era considerado estável, como o comportamento do consumidor ou as técnicas de produção. Thomas Kuhn e Joseph Schumpeter parecem ter entendido cada a um seu modo, que no processo científico e econômico, não há um conjunto de categorias que sejam neutras e independentes da cultura, pois sempre haveria combinações nas escolhas e nos comportamentos que teriam aspectos humanos e históricos. Nesse sentido, o racionalismo absoluto é negado por ambos, já que consideravam o desequilíbrio e a ruptura como parte integrante de suas áreas de estudo.

Palavras-chave: Filosofia da ciência. Thomas Kuhn. Joseph Alois Schumpeter.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.8 – Nº.2	Dezembro 2015	p. 159-174
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	------------

A RAZÃO PÚBLICA LEGITIMADORA DO ESTADO DEMOCRÁTICO CONSTITUCIONAL A LUZ DA TEORIA DA JUSTIÇA DE JOHN RAWLS

Cristine Madeira Mariano

Orientador: Thadeu Weber

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7683>

RESUMO

A autora versa sobre as atribuições da razão pública na Teoria da Justiça de John Rawls, em especial, da sua função de vinculação cogente que submete as instituições básicas da sociedade, em especial as instituições públicas. Sustenta ser a observância da razão pública condição de legitimidade para o exercício do poder público que deve se ater aos limites formais e materiais das justificativas que compõem a razão cidadã, com o escopo de concretizar a concepção de justiça.

Palavras-chave: Justiça. Justiça social. John Rawls. Legitimidade. Estado democrático de direito.

NATUREZA E OTIMISMO: SOBRE DOR E SOFRIMENTO EM ARTHUR SCHOPENHAUER

Leonardo Ritter Schaefer

Orientador: Draiton Gonzaga de Souza

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7693>

RESUMO

A obra de Arthur Schopenhauer [1788-1860] caracteriza a existência humana enquanto essencialmente dolorosa e funda-se na oposição ao Otimismo dos filósofos Anaxágoras [500 - 428 a. C.] e Gottfried Wilhelm Leibniz [1646-1716]. O Otimismo expressa-se por duas máximas, a primazia do intelecto e a accidentalidade da dor. Ambas se constituem como afirmação do caráter favorável do mundo em relação ao humano. A descoberta da “vontade” ocorre no corpo. Nas obras, *Rapports du Physique et du Moral de l’Homme* [1802], de Pierre-Jean-Georges Cabanis [1757-1808], e, *Recherches Physiologiques sur la Vie et la Mort* [1805], de Marie François Xavier Bichat [1771-1802], encontram-se os elementos físicos que fundam a realidade espiritual do humano e o caráter desfavorável da existência. O sujeito do querer preserva a si mesmo na busca pela satisfação e a vontade encontra no físico e no espiritual os meios para a manter o indivíduo.

Palavras-chave: Arthur Schopenhauer. Natureza. Vontade. Otimismo. Dor. Sofrimento.

OBJETO TRANSFIGURADO E OBRA DE ARTE NA CONTEMPORANEIDADE: ARTHUR COLEMAN DANTO E MAURICE MERLEAU-PONTY

Larissa Couto Rogoski

Orientador: Nythamar Hilario Fernandes de Oliveira Junior

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7730>

RESUMO

O presente estudo visa investigar a transformação do objeto banal em obra de arte tendo como foco a arte produzida na contemporaneidade. Para realizar esta investigação se utilizará das teorias de Arthur Coleman Danto e Maurice Merleau-Ponty sobre a arte. O método a ser utilizado é de leitura crítica de obras filosóficas pertinentes ao assunto que esclareçam e permitam conexões de pensamentos sobre o tema. Optou-se pela descrição das teorias de Danto e Merleau-Ponty abordando suas interseções e contribuições para a questão apresentada sobre a transfiguração do objeto em obra de arte. O conceito de interpretação que Danto produz juntamente com a teoria da percepção de Merleau-Ponty são alvos de investigação da pesquisa. A coerência interna do trabalho se conclui com uma pesquisa teórica do estudo de caso da performance artística como ponto de convergência entre ambas as teorias e o embasamento experiencial da importância do questionamento que o estudo busca realizar. Sobre a performance artística a investigação se concentra, para fins metodológicos, nos conceitos de corpo, tempo, espaço e público.

Palavras-chave: Filosofia da arte. Arthur C. Danto. Merleau-Ponty. Performance. Transfiguração. Interpretação. Percepção. Mundo da arte. Estilo. Metáfora. Corpo. Obra de arte.

O CONFIABILISMO DO AGENTE A PARTIR DE JOHN GRECO: UMA NOVA VERSÃO DO CONFIABILISMO GOLDMANIANO

Louis-Jacques Fleurimond

Orientador: Felipe de Matos Müller

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7739>

RESUMO

Este trabalho se propõe a apresentar o confiabilismo do agente (agent reliabilism) proposto por John Greco. Vendo as dificuldades enfrentadas pela teoria do confiabilismo processual por fazer da confiabilidade do processo formador de crença o lugar da justificação, Greco tenta remediar esta teoria, avaliando a confiabilidade de agentes ao invés de avaliar a confiabilidade dos processos, faculdades ou disposições que eles empregam. Com este objetivo, Greco explora a noção de “virtude intelectual” introduzida na epistemologia contemporânea por Ernest Sosa, em seu artigo “The Raft and the Pyramid”. Este critério proposto por Greco, além de ser externalista, acolhe intuições que são caras ao internalismo e contempla, portanto, o ponto de vista do responsabilismo da virtude – tornando-se por esta razão um critério de caráter externalista fraco. No entanto, embora ele tente resgatar a teoria do confiabilismo processual de seus impasses, o critério do confiabilismo do agente não parece estar livre de críticas. Procuraremos entender a motivação inicial de Greco ao propor um critério deste tipo em vez de seguir na direção da teoria do confiabilismo processual, e também entender como o confiabilismo do agente tenta contemplar intuições que são importantes ao internalismo.

Palavras-chave: John Greco. Justificação. Virtudes. Epistemologia. Caráter.

THOMAS REID: O PROBLEMA DA INDUÇÃO

Pablo Fernando Campos Pimentel

Orientador: Roberto Hofmeister Pich

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7768>

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma possível teoria reidiana para uma justificação ao problema da indução a partir de seus dois grandes escritos, a saber, o “An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense” de 1764 e o “Essays on the Intellectual Powers of Men” de 1785. Desse modo, surgirá de forma bastante sutil a concepção de Thomas Reid acerca do “Problema da Indução”, o qual é discutido primeiramente no Inquiry, no entanto, aparecem abordagens bastante importantes e cruciais também no Essays. Não deve ser esquecido que ao passo que a teoria reidiana da indução vai emergindo, um debate e uma análise vão sendo feitos por Reid em seu grande contemporâneo Hume. A importância da inserção de Hume é indiscutível pelo fato de este ter sido do tempo de Reid, e, também, pelos contornos de seu pensamento acerca do raciocínio indutivo e como Reid o interpreta e, de certo modo, vai além. Deste modo, alguns capítulos trabalharão com o problema da indução nas duas respectivas obras de Reid, IHM e EIP. Também será feita uma análise do que foi escrito acerca da indução e outros assuntos periféricos em Reid, da parte de outros pesquisadores. A que conclusões Reid chega numa e noutra obra, e perceber o que os críticos sintetizaram de seu pensamento nesse aspecto, a saber, no que tange à indução.

Palavras-chave: Filosofia Inglesa. Thomas Reid. Indução.

A BASE CONSTITUCIONAL DO SENTIDO E O ESQUEMA DE DERIVAÇÃO TEÓRICA EM SEIN UND ZEIT DE MARTIN HEIDEGGER: POSSIBILIDADES DE UM DEBATE EPISTEMOLÓGICO A PARTIR DO HORIZONTE DO SER-NO-MUNDO

Carine de Oliveira

Orientador: Ernildo Jacob Stein

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7767>

RESUMO

Nesta investigação, defendemos que Ser e Tempo, de Martin Heidegger, comporta uma base constitucional do sentido compreendida como um horizonte estrutural antepredicativo de inteligibilidade. Formada do entrelaçamento da matriz de significatividade que qualifica o mundo com as estruturas existenciais características do ser-em, ambas instâncias compositivas do constructo ser-no-mundo, Heidegger identifica essa camada antepredicativa como uma base de fundamentação para o conhecimento a partir da qual ele sustenta todo seu esquema de derivação teórica. Trata-se de pensar, portanto, o horizonte do ser-no-mundo como a raiz de uma matriz de significatividade e inteligibilidade com a qual nos deparamos também quando necessitamos encontrar uma fundamentação para o conhecimento, para as ciências. A partir disso, podemos inferir que uma epistemologia, que não se queira imparcial em suas problematizações, deveria começar seus trabalhos já no plano antepredicativo do ser-no-mundo, pois, se ratificamos a posição filosófica heideggeriana, esse horizonte representa o reduto primário das experiências científicas, da possibilidade de estruturação das diversas teorias. Karl-Otto Apel, em seu enfrentamento com a filosofia de Heidegger, confirma e leva em consideração essa possibilidade em potencial, edificando uma discussão de cunho epistemológico que tem seu ponto de partida no horizonte mesmo do ser-no-mundo. No entanto, o filósofo vai além ao apresentar um conjunto de objeções críticas através das quais pretende superar determinadas insuficiências reflexivas presentes nas abordagens heideggerianas. O distanciamento de uma total adesão à fenomenologia hermenêutica é marcado, assim, pela exigência de uma instância normativa que proporcione uma justificação da validade do conhecimento em uma acepção que inclui a validação não só do pensamento teórico-conceitual, do conhecimento objetivo, mas igualmente do sentido e compreensão desvelados na experiência cotidiana antepredicativa. Em busca dos mecanismos para estabelecer uma complementariedade entre a problemática do sentido e da validade, Apel realizará, então, através do a priori transcendental da linguagem, uma espécie de soldagem epistemológica de tal instância normativa ao horizonte do ser-no-mundo.

Palavras-chave: Filosofia alemã. Martin Heidegger. Linguagem. Hermenêutica.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.8 – Nº.2	Dezembro 2015	p. 159-174
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	------------